EUROPA

França espera mais protestos e greve

Líder da Confederação Geral do Trabalho anuncia "subida de nível" das manifestações e convoca paralisação geral para 5 de novembro. País se prepara para novos atos de rua no sábado. Especialistas avaliam panorama político e social

» RODRIGO CRAVEIRO

Kenzo Tribouillard/AFP

Funcionário da Prefeitura de Paris remove pichações da Praça da República, no coração da capital, depois das manifestações de sábado

Enquanto se recupera dos distúrbios de 17 de outubro e avalia os prejuízos, a França se prepara para uma nova rodada de protestos, marcada para sábado, e para uma greve geral. Sophie Binet, líder da Confederação Geral do Trabalho (CGT), convocou os franceses a "subirem o nível" das manifestações, com a paralisação agendada para 5 de novembro. Uma reunião entre Binet e o primeiro-ministro, Sébastien Lecornu, terminou sem resposta às reivindicações do sindicato. "Chegou o momento de subir o nível da mobilização; a greve deve assumir o protagonismo", anunciou a sindicalista. Pela terceira noite consecutiva, as autoridades decretaram toque de recolher em alguns bairros de Paris, entre 23h e 6h (das 18h à 1h, pelo horário de Brasília). Dessa vez, dois setores da capital terão a circulação restrita: a Praça da República e Les Halles, uma tradicional área comercial.

Lecornu anunciou o destacamento massivo de policiais para evitar novos tumultos durante os protestos de sábado. Nas manifestações do último fim de semana, ao menos 2.500 pessoas foram detidas, das quais 174 ainda estão na prisão aguardando julgamento ou condenadas. O movimento de contestação social começou com estudantes insatisfeitos, que exigiam melhorias na educação, e ganhou a adesão dos chamados "coletes amarelos", movimento que busca denunciar o alto custo de vida no país e se pauta por outras insatisfações populares. Édouard Geffray, ministro da Educação, anunciou que, na segunda-feira, apresentará suas "primeiras decisões" às organizações estudantis.

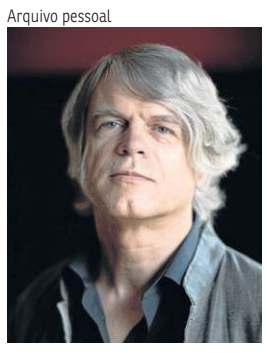
Professor de ciência política da Universidade Paris 8, Yves Sintomer disse ao **Correio** que é muito difícil prever o que ocorrerá no sábado. "Há uma revolta contra a violência policial, a desigualdade social e a falta de democacia, que faz com que a juventude não seja escutada pela classe política. A repressão foi muito forte. Isso pode estimular com que muitas pessoas não saiam às ruas. Há muita incerteza sobre quem protestará neste sábado: estudantes, universitários e coletes amarelos", advertiu. Para Sintomer, o governo tem provocado a tensão social dos últimos dias. "A sociedade francesa é marcada por uma grande desigualdade. Os serviços públicos estão precarizados, e existe um sentimento de injustiça social. Além disso, o sistema político não tem sido capaz de responder às demandas da população e, principalmente, da juventude, cujo voto não é obrigatório. A França também enfrenta forte polarização política."

O estudioso da Universidade Paris 8 lembrou que a CGT e outras federações sindicais fizeram um chamado para uma greve geral em exatamente duas semanas. "É bem possível que vejamos uma confluência de sindicatos, dos coletes amarelos e dos estudantes para adesão ao movimento. A paralisação de 5 de novembro pode dar início a um período de agitação social ainda mais intenso. As próximas semanas serão decisivas para o futuro do movimento", disse Sintomar. "A raiva da população é muito grande, assim como o medo da repressão policial."

Sylvain Boulouque, professor da Universidade de Reims e especialista em história do comunismo e do anarquismo, explicou ao **Correio** que existe uma questão política importante em jogo. "O governo basicamente culpa o líder da extrema-esquerda, Jean-Luc Mélenchon pelos distúrbios e pelos saques, enquanto Mélenchon responsabiliza o governo por uso excessivo da força", afirmou. "Isso se enquadra no campo das manobras políticas tradicionais. Os manifestantes que protagonizam os distúrbios pertencem a uma vertente política diferente dentro do espectro de esquerda — a 'ultraesquerda' (ativistas autônomos, comunistas sindicais, ex-maoístas e anarquistas), que se recusa a participar das eleições e detesta o líder da França Insubmissa. Embora parte dos distúrbios contra as forças de segurança e os símbolos do capitalismo venha, de fato, da ultraesquerda, é preciso, além disso, distingui-la dos saqueadores, que estão próximos ao banditismo."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"O governo foi totalmente incapaz de entender as raízes dos protestos e a força dos manifestantes. Existe uma dificuldade das autoridades para saírem da crise. Há elementos da extrema-esquerda que confrontaram a polícia. Mas eles não são causa a principal. O governo diz que a esquerda radical e seu líder, Jean-Luc Mélenchon, têm culpa enorme pela violência. Isso é uma instrumentalização política. São poucos os elementos para provar isso. O próprio Mélenchon repudiou a violência, por entender que ela enfraquece os movimentos de massa."

YVES SINTOMER, professor de ciência política da Universidade Paris 8

"Estúpidos"

Ante comentários de líderes estrangeiros, como Donald Trump, que condenaram os protestos do último sábado, o presidente francês, Emmanuel Macron, qualificou as declarações como "estúpidas". Em visita a Doha, capital do Catar, ele considerou inaceitáveis os comentários, alguns deles baseados em imagens criadas por inteligência artificial (IA), e lamentou que dirigentes façam "campanha às custas" da França. Um claro recado a Trump, que deposita todas as fichas na eleição de meio de mandato de 3 de novembro — cruciais para a retomada do controle da Câmara dos Representantes e do Senado pelo Partido Democrata (oposição). "Quando vejo líderes que estão em campanha, seja na região ou do outro lado do Atlântico, que às vezes, com credulidade, repetem o que aparece na IA (...), percebo que fazem campanha às nossas custas", lamentou Macron.

Thomas Coex/AFP

Javier Milei chamou Pedro Sánchez de "ladrão" e "corrupto"

Milei ofende a Espanha

A pouco mais de um mês das eleições gerais da Espanha, o presidente da Argentina, Javier Milei, ofendeu o premiê espanhol, Pedro Sánchez, durante visita a Madri, que teve o objetivo de demonstrar apoio à direita. "A Espanha soube acolher centenas de milhares de argentinos que fugiram da miséria e da falta de futuro, fruto do sinistro socialismo do século 21 e de sua filial argentina, o 'kirchnerismo', e vocês sofrem regularmente com o inaceitável ditador Pedro Sánchez", disparou Milei. Os insultos não pararam por aí: o líder ultralibertário de 55 anos chamou Sánchez de "ladrão" e de "corrupto". Também pediu aos espanhóis que expulsem os socialistas "a pontapés" — uma referência ao próprio premiê, que comanda o Partido Socialista (PS).

A resposta da Espanha veio com uma declaração do Ministério das Relações Exteriores e uma publicação do premiê em seu perfil no Instagram. A chancelaria de Madri expressou sua "mais enérgica condenação" aos "insultos e calúnias" de Milei. "A Espanha não aceita ingerências externas, nem ataques e injúrias ao seu presidente", advertiu. Sánchez usou a rede social para publicar, em seu story, a música intitulada *Fanático*, da cantora argentina Lali Espósito, crítica de Milei.

Professor de ciência política da Universidade de Buenos Aires (UBA), Miguel De Luca explicou ao **Correio** que a estratégia usada por Milei, ao atacar adversários busca a polarização. "Também é uma forma de buscar identificação com a linguagem popular", observou. "Milei costuma ter falas e comportamentos inadequados para líderes de outros países. Ele se comporta dessa maneira com autoridades, jornalistas ou acadêmicos da Argentina. Até o momento, isso não trouxe consequências." (**RC**)

VATICANO

Médicos dispensam papa de tratamento adicional

O Vaticano anunciou ontem, em comunicado, que o papa Leão XIV não terá de passar por tratamentos complementares para o câncer detectado em seu pulmão esquerdo e removido na terça-feira 13 de outubro. O texto afirma que a cirurgia foi "plenamente bem-sucedida", e os exames posteriores confirmaram que o nódulo extraído não deixou sequelas.

"As análises histológicas e de biologia molecular do tecido removido durante a cirurgia a que o Santo Padre foi submetido foram concluídas hoje", diz o boletim, assinado pelo médico pessoal do pontífice, Luigi Carbone, e pelo doutor Stefano Margaritora, cirurgião torácico que liderou a equipe na operação. "Os resultados confirmaram que se tratava de um adenocarcinoma pulmonar, e que estava localizado", afirmam os médicos. "A avaliação oncológica subsequente confirmou que não é necessária nenhuma terapia complementar."

O adenocarcinoma é o tipo mais comum de câncer do pulmão. Responde por cerca de 40% das ocorrências, tem evolução lenta e afeta com maior frequência os não fumantes — como é o caso do papa. Quando anunciou que teria de passar por cirurgia para remover um nódulo, no último dia 11, Leão XIV causou choque dentro e fora do Vaticano, pelo seu histórico de uma vida regrada.

Tiziana Fabi/AFP

Leão XIV acena para os fiéis na Praça São Pedro: agenda retomada

O pontífice, de 71 anos, teve alta hospitalar quatro dias depois da cirurgia, e no dia seguinte fez a primeira aparição pública desde o anúncio da operação, proferindo a tradicional bênção dominical do Angelus do balcão do Palácio Apostólico. Ontem, Leão XIV apareceu plenamente recuperado na audiência geral semanal das quartas-feiras, no Vaticano, desfilando no papamóvel entre os fiéis na Praça São Pedro. "Essa experiência me deu um sentimento profundo de proximidade com todos que estão passando por doenças e enfermidades", disse aos peregrinos.

O teor do boletim parece abrir caminho para a confirmação da viagem planejada para a América do Sul, entre 6 e 17 de novembro — e colocada em dúvida pelo diagnóstico anunciado há 10 dias. O roteiro prevê escalas no Peru, onde o primeiro papa norte-americano atuou como bispo e adquiriu cidadania, além de Uruguai e Argentina. Para cumprir a programação, serão necessários 14 voos.

A turnê não tem ainda confirmação oficial da Santa Sé, mas o cirurgião que chefiou a equipe sinalizou com a liberação do pontífice. Falando ao *Vatican News*, o doutor Stefano Margaritora afirmou que não vê "nenhuma razão clínica" para o cancelamento da viagem.